



Gyn West¹

Gusthavo Crispim CARDOSO²
Jadson Pinto de FIGUEIREDO Junior²
Kássia Cristina Damaceno de OLIVEIRA²
Matheus Medeiros de SOUSA²
Ricardo Alves PEREIRA²
Vanessa Rodrigues PEROTONI²
Geórgia Cynara Coelho de Souza SANTANA³
Universidade Estadual de Goiás, Goiânia

RESUMO

O presente artigo apresenta uma explicação de todo o processo da narrativa sonora intitulada “Gyn West” onde uma mulher disputada por dois pistoleiros acaba sendo salva por outra mulher. É também uma reflexão sobre como o som, por meio das canções, dos sons ambientes, das vozes e dos ruídos, pode contar uma história, mesmo com a ausência de narrador, e ser entendida.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa sonora; som; faroeste; comédia.

1 INTRODUÇÃO

Produtores de audiovisual não tem a mesma preocupação que tem com a imagem quando o assunto é o áudio da obra. Muitas vezes o som chega mesmo a ser quase que excluído do produto e, na maior parte das vezes, é relegado ao último plano.

Procuramos por meio deste artigo propor uma discussão a respeito da produção de filmes tipo western ou bang-bang com o intuito de contribuir para a discussão acerca da importância do áudio numa produção como para satirizar acerca do clichê entre o filme romântico da mocinha e do mocinho.

O chamado cinema western, também popularizado sob os termos "filmes de cowboys" ou "filmes de faroeste", compõe um gênero clássico do cinema norte-americano (ainda que outros países tenham produzido *westerns*, como aconteceu em Itália). O termo em inglês *western* significa "ocidental" e refere-se à fronteira do Oeste norte-americano durante a colonização. Esta região era também chamada de *far west* - e é daqui que provém o termo usado no Brasil e Portugal, faroeste (também se usou o termo juvenil *bang-bang*, na promoção das antigas matinês e de quadrinhos). Os *westerns* podem ser quaisquer formas de arte que representem, de forma romaneada, acontecimentos desta época e região. Além do cinema, podemos referir ainda a literatura e programas de televisão, como alguns exemplos dessas artes temos: a telenovela “bang bang” com exibição na Rede Globo em 2005 e 2006; o livro “As armas de um pistoleiro” de 2007, por LP Baçan; o livro “Melhores contos de faroeste” de 2004, por Jon E. Lewis; e o filme “Cavalgada dos proscritos”, de 1980, dirigido por Walter Hill.

¹ Trabalho apresentado no IJ1 – Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

² Estudantes do curso de Comunicação Social – Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás, e-mail: matheus10med@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Mestranda em Mídia e Cultura pela Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás (Facomb/UFG); coordenadora do curso de Comunicação Social – Habilitação: Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e docente efetiva das disciplinas de Produção Sonora do referido curso, e-mail: imprensa@georgiacynara.com.



2 OBJETIVO

O projeto propõe debater a questão da sexualidade nas mídias onde o estereótipo do homem impõe como dominante nas produções western. Nosso grupo optou pela produção de uma novela western por acreditar que esse gênero presta-se às generalidades típicas das discussões acerca do tema. O som nesse gênero assume um papel fundamental que é o de guiar o público como numa novela de rádio num cenário monótono composto quase sempre de uma cidadezinha com uma única rua, um estábulo e um *saloon* onde os homens se encontram, trocam umas poucas palavras de desafio e desafeto que culminam com o enfrentamento armado entre gangues ou entre dois homens, tiroteio ou duelo e com a morte do antagonista. Nossa narrativa pretende destacar o papel do som que, em nossa opinião, é por si só 80% da estória típica de faroeste numa produção audiovisual.

3 JUSTIFICATIVA

A narrativa sonora foi um trabalho proposto pela disciplina de Som 1 do curso de Comunicação Social – Audiovisual, da Universidade Estadual de Goiás.

O gênero faroeste ou western é caracterizado por ser predominantemente masculino. A trama se desenvolve e se resolve entre homens cabendo a mulher quase sempre um papel quase sempre de coadjuvantes, interpretando esposas, filhas ou prostitutas.

A presente narrativa segue o estereótipo masculino do gênero como podemos observar nos títulos: “Três Homens em Conflito” de Sérgio Leone(1966), “Esse Homem Vai Morrer” de Emílio Gallo(2008), “Sete Homens e Um Destino” de John Sturges(1960), mas com o propósito de subvertê-lo no final da trama ao promover Katherine à protagonista, juntamente com sua consorte Perô que a resgata reproduzindo o típico enredo de faroeste, mas introduzindo uma protagonista feminina no contexto.

O efeito cômico se estabelece com a inversão dos papéis clássicos atribuídos a homens e mulheres no gênero, ao mesmo tempo em que a narrativa participa da discussão acerca da sexualidade, junto ao fato da mulher não ser mais submissa e pronta para fazer o que foi predestinado a ela, assimilando uma característica presente em várias classes e gerações. Através desses levantamentos relacionamos todas essas raízes do “velho oeste” ao cenário atual.

Como estudantes do curso de Audiovisual, o grupo acredita que a experiência de contar uma história por meio da linguagem sonora, enriquece nosso know-how na medida em que permite que imagens sejam criadas dentro da carga emocional subjetiva tanto dos integrantes do grupo quando do público que porventura ouvir a narrativa.

Pessoalmente permite que os integrantes possam atribuir ao áudio um valor maior que o que tem se atribuído até agora, contribuindo para uma melhor formação profissional da equipe envolvida no trabalho.

Toda narrativa é, por si só, uma enumeração de fatos que ocorrem dentro de uma linha de tempo-espço caracterizada por um desenvolvimento tipo, início, meio e fim.

A figura do narrador tem a finalidade de facilitar ainda mais a compreensão por parte dos ouvintes. O mérito da narrativa com narrador ausente está na valorização da montagem de ruídos, vozes e trilha sonora, atingindo o objetivo precisamente por justapor os sons com maestria e conseguir ter contado a história até o final sem outros recursos que os próprios sons e vozes dos personagens. A “esquizofonia” também entra aqui. Termo cunhado por R. Murray Schafer (1991), basicamente a ideia de uma música ter origem em um lugar e ser ouvida em vários lugares diferentes. Uma narrativa



sonora gravada em Goiás, pode ser propagada para o resto do mundo, melhorando o campo de audiovisual do estado.

Desde a invenção de equipamentos eletrônicos de transmissão e estocagem de sons, qualquer som natural, não importa quão pequeno seja, pode ser expedido e propagado ao redor do mundo, ou empacotado em fita ou disco, para as gerações do futuro. (SCHAFER, 1991, p.172)

A maioria dos profissionais de audiovisual no estado de Goiás, não tem tido preocupação com a captação de áudio como tem se esmerado na edição de imagens. O fetichismo da câmera domina a cena no estado sendo o som sempre relegado a um plano inferior, ou seja, submetido à imagem.

O presente experimento, (e talvez por não incluir imagens) faz-se uma oportunidade única para que o grupo envolvido possa se concentrar na montagem sonora e privilegiar detalhes que num vídeo poderiam e frequentemente são relegados ao esquecimento.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A narrativa sonora foi inspirada no álbum “Leo Canhoto e Robertinho no bang bang”, sendo que, logo que surgia a ideia de se fazer um “faroeste de comédia”, um participante do projeto se dedicou a buscar o que poderia contribuir para o experimento sonoro, em termos de ruído, música, temática e também a própria inspiração para escrever. O roteiro foi desenvolvido pelos participantes, que escreveram as vozes e os sons necessários para gravar. Apesar da narrativa não ter um narrador, no roteiro há resquícios de narração para melhor auxiliar os atores na hora da gravação, como a descrição de uma ambientação sonora que iria estar presente em determinada tomada, contribuindo para a fácil assimilação e fluência dos atores.

A produção/captação foi feita no estúdio de imagem e som Silvio Bragato da faculdade de Comunicação Social – Audiovisual da UEG. Os atores gravaram as falas usando os equipamentos: microfone bidirecional Behringer B2 Pro e o software de gravação sonora Adobe Audition.

A pós-produção/edição foi feita no programa Audacity. Com as gravações em mãos, iniciamos a edição. Escolhemos sons de efeito em sites específicos gratuitos como o: Freesound.

Encontramos algumas dificuldades para fazer a narrativa, a escolha do gênero já foi a primeira barreira, já que fazer comédia não é fácil.

Ainda tivemos que imitar vozes com sotaques e intensidades de vozes diferente do que costumávamos fazer.

Na edição teve-se a dificuldade para sincronizar, as sequências tiveram que ser analisadas várias vezes e foi preciso mudar milésimos de segundos.

Tivemos que combinar a chamada por Schafer (1991) *paisagem sonora* ou no conceito de Chion (1994) o *som ambiente*, ambos se referindo a descrição da cena, incluindo planos mais próximos e planos mais abertos, mas tudo através da ambientação sonora. Foi preciso recombinar a amplitude e a frequência dos sons, as vozes de alguns atores eram mais graves e outras mais agudas, o que foi possível mudar na edição. Com isso foram combinadas todas as potencialidades.

Mas as barreiras foram enfrentadas por todos do grupo, superadas e chegamos ao resultado final do trabalho.



5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A narrativa se passa em um faroeste, na cidade fictícia de “Gyn West” (cujo nome deu título a narrativa). James (Matheus Medeiros), é um forasteiro que chega na cidade matando pessoas no saloon, o que causa terror nos cidadãos e principalmente no Xerife João Wayne (Matheus Medeiros) que sente que está perdendo o controle de “sua” cidade.

Enquanto isso, na casa da beata Germana (Vanessa Perotoni), Jack (Ricardo Alves) está tocando piano para sua amada noiva Katherine (Kássia Cristina). Com o decorrer da trama percebe-se que Kate não gosta do seu noivo e se casará forçadamente.

O garoto fofoqueiro Claus (Gusthavo Crispim) chega correndo na casa da beata para falar do forasteiro que está a matar todos no saloon. Jack se irrita, pois se acha o dono da cidade e acha que só ele pode impor alguma coisa ali, vai ao encontro de James e começa um duelo com o forasteiro.

Germana vai atrás do Xerife para procurar entender melhor o que estava acontecendo, Katherine vai atrás da tia para tentar tirá-la do perigo. James vê Kate e fala que quer levá-la com ele e se interessa mais ainda na moça quando descobre quem é seu noivo. Os dois resolvem duelar pela moça.

Mas Perô (Vanessa Perotoni) chega a tempo de salvar Kate e o segredo é revelado. As duas garotas tinham uma paixão secreta, o que choca a todos, principalmente a tia. Kate mata os dois rapazes e foge com Perô.

A narrativa foi pensada para se tornar uma comédia. A comédia é o uso de humor nas artes cênicas. Também pode significar um espetáculo que recorre intensivamente ao humor. De forma geral, "comédia" é o que é engraçado, que faz rir.

A quebra da formalidade textual foi o que mais ajudou, o grupo teve que escolher as palavras usadas em produção de faroeste para montar o enredo.

Cada personagem tem uma característica marcante. James é o forasteiro matador que acha que é o dono do mundo, que pode julgar quem merece morrer ou não. Jack é bem parecido com James, a diferença é que não é um forasteiro e tenta mandar na cidade que vive. O Xerife João Wayne é aquele policial que tenta manter a cidade em controle, mas as vezes não consegue e não sabe muito bem o que fazer quando tudo está mal. Germana é a tia que nunca se casou, cuida de sua sobrinha e tenta fazer com que a garota se case tenha uma vida boa, diferente da dela. Claus é o garoto fofoqueiro que sabe de tudo que está acontecendo na cidade e sai por ai espalhando. Katherine é a mocinha que teve que esconder sua opção sexual por muito tempo, que se sente livre quando Perô, que sente a mesma coisa, a salva de uma vida ruim que ela teria que viver.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito de produzir uma obra voltada para a produção de uma peça de gênero levou o grupo a refletir acerca de levantar análises voltadas para a escolha de sons e a descartar as soluções fáceis, assim como perceber que um roteiro relativamente simples pode ser um tanto mais complicado no momento de gravar a narrativa. O projeto contribuiu para a finalização de um estudo com o objetivo de despertar a interpretação e o entendimento de paisagem sonora.

Esta produção foi a abertura para nos relacionarmos com a comédia, entendendo suas dificuldades, seus erros e seus acertos. A proximidade com este gênero tira um pouco de medo quando se quer ter fluência numa escrita, sabendo que tudo pode ser preparado, e pensado para depois ser roteirizado e finalizado, descarregando um pouco da pressão refletida através da cobrança, quando se sente a obrigação de buscar a “piada



perfeita”, e vemos que essa preocupação nem sempre é necessária, pois na fase de preparação o pensamento do “impossível”, “imperfeito” ou da “piada ruim” não deve tomar uma frente e criar barreiras. A motivação e vontade de fazer quebra algumas barreiras presentes na comédia, e estas preocupações não são interessantes, sendo que, para fazer algo engraçado precisamos estar bem humorados para escrever, apagar, reescrever e finalmente buscar uma finalização para algo que preste, pelo menos para nós.

Além disso, todos trabalhos, estudos, projetos ou produções trazem conhecimentos e mudanças ímpares sobre determinados assuntos, e alcançam diversas áreas ideológicas humanas e, o aprendizado talvez não seja a maior recompensa perceptível, mas é o que gera a transformação cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHION, Michel. 1994. *Audio-vision: sound on screen*. New York: Columbia University Press

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, 1991.

Freesound: a collaborative database of Creative Commons Licensed sounds.
<http://www.freesound.org/>

SACHI, Leonildo, SIMÃO, José. **Leo Canhoto e Robertinho no bang bang**. Goiânia: RCA Candem, 1977. 1 disco sonoro (ca. 60 min).

CINDERELLA. **Long Cold Winter**. Estados Unidos: Mercury Records, 1988. 1 compact disc (ca. 44 min).